



ID: 115582170

11-02-2025

Amanhã, às 20h00, no Museu de Angra do Heroísmo - Conferência “Espionagem nos Açores”

“Existe um relatório do MIT sobre as queixas de espionagem alemã nos Açores, e a partir daí consegui identificá-las”, afirma investigadora e historiadora Marisa Filipe

Correio dos Açores - Como é que chega a historiadora e investigadora desta temática da espionagem?

Marisa Filipe (historiadora) - Estou no meu terceiro ano do doutoramento no ISCTE em História Moderna e Contemporânea e já há algum tempo que tinha interesse na temática da espionagem em Portugal, pois ainda não existia uma grande exploração dos documentos e das fontes primárias. Já haviam outros historiadores a trabalhar este assunto, no entanto ainda não tinha sido feita uma análise da documentação do ponto de vista da espionagem que tinha colocado em causa a neutralidade portuguesa. Precisamente, o meu ponto de vista é o da neutralidade da espionagem britânica porque a documentação foi, na grande maioria, destruída a seguir à guerra. O que é interessante é que quando eu comecei a ver os documentos no Ministério dos Negócios Estrangeiros apercebi-me da existência de documentação imensa espalhada por várias fontes, por vários documentos, por vários arquivos separados somente sobre os Açores - que chegavam tanto ao Ministério dos Negócios Estrangeiros como à Embaixada de Londres (com o embaixador Armindo Monteiro). E mais do que isso: documentação com nomes de espões alemães que actuavam nos Açores.

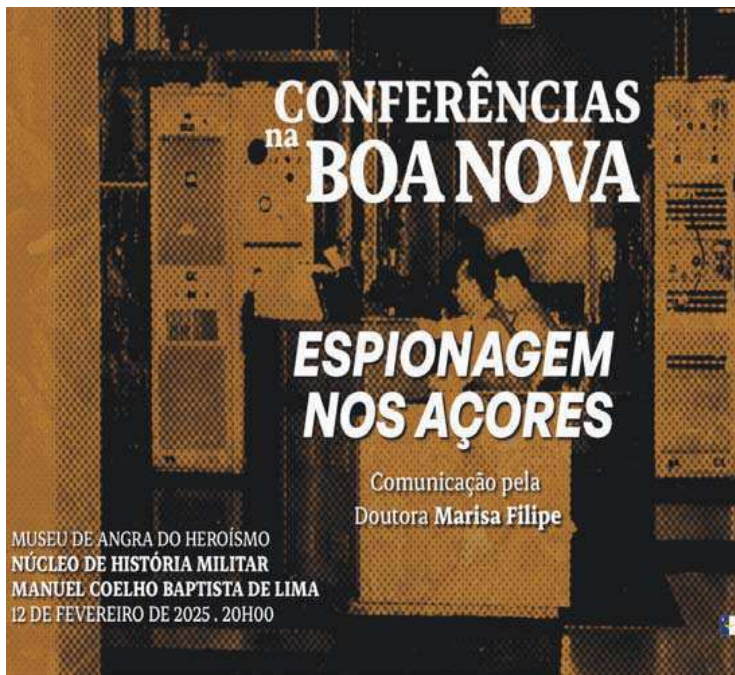
Neste contexto, comecei por levantar essa documentação e fiquei impressionada, não só com a importância dos Açores (que já era conhecida do ponto de vista naval), mas com a importância dos Açores, tanto vista pelo lado alemão como pelo lado britânico. Foi mais ou menos isso que me levou ao interesse sobre a espionagem, especialmente nos Açores.

A Segunda Guerra Mundial foi uma época prolífica para a espionagem. No caso dos Açores, qual foi o impacto que o arquipélago teve neste capítulo da história da espionagem na Segunda Guerra Mundial?

Quando publiquei este artigo (na altura só sobre espionagem) num jornal norte-americano - o Journal of International Intelligence -, uma das críticas que me fizeram foi que eu defendia que os Açores tiveram mais importância do que se pensava até à época. E outro colega norte-americano disse “sim, mas ela tem razão”. E de facto, se vistos por esta parte das fontes primárias, os Açores são ainda mais importante do que nós pensávamos.

Ou seja, sempre soube que os Açores foram desde o início território desejável. O que ainda não se tinha percebido até agora é que não foram apenas os britânicos que perceberam logo a importância dos Açores na questão das bases navais, na questão do abastecimento dos submarinos e dos barcos, mas também os norte-americanos tinham um plano de ocupação dos Açores em 1941: uma espécie de ocupação preventiva caso Hitler ocupasse os Açores.

Depois, também foi muito interessante perceber que o próprio Hitler tinha um in-



A conferência terá presença de familiares de espões que passaram pela ilha Terceira

teresse estratégico muitíssimo grande nos Açores. Não apenas nas partes navais, na parte do abastecimento, dos casos submarinos e das telecomunicações (neste caso dos telégrafos), mas também como uma espécie de escudo protector numa tentativa de invasão dos Estados Unidos da América. Se a inspecção hitleriana não tivesse sido travada por volta de 1942-1943, as ocupações das ilhas dos Açores teriam sido quase que uma espécie de ocupação forçada das ilhas para uma futura ocupação dos Estados Unidos. E, na verdade, Hitler foi convencido por um general, quase em extremos, a não ocupar os Açores, coisa que ele acaba até por escrever no seu diário onde dizia que “não concordava”.

Hoje em dia percebemos que, de facto, ele tinha razão porque se houvesse uma ocupação preventiva dos Açores, provavelmente a Segunda Guerra Mundial teria andado noutra direcção completamente diferente

A questão da espionagem dos Açores criou, de algum modo, um clima de tensão diplomática nas potências da Segunda Guerra Mundial?

Logo desde 1940 há vários relatórios ao Armindo Monteiro que era o nosso embaixador em Londres. Há muitas queixas dos britânicos sobre a espionagem, não só no território de Portugal continental, mas também nas colónias e muito nos Açores. Há um relatório logo em 1941 que é feito no Ministério dos Negócios Estrangeiros, ao qual é enviado a Armindo Monteiro e depois é enviado a Salazar que ignora completamente. Salazar pretendia manter a neutralidade a qualquer custo e, portanto,

não há nenhuma acção preventiva contra a espionagem que era feita nos Açores: nem do lado britânico, nem do lado alemão.

Mesmo quando os britânicos pedem para ter os seus próprios telegrafistas em Ponta Delgada, Salazar diz que não, que somos um país neutral e com capacidade de defender e de controlar o seu território de todas as formas. Portanto, não precisávamos da ajuda dos nossos aliados - nem mesmo no campo telegráfico.

Todavia, a PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado) esteve muito atenta. Mesmo quando a PVDE não intervinha, para que não se causasse qualquer tipo de tensão nem para um lado ou para o outro, Salazar tinha a informação que os britânicos davam e depois havia uma espécie de investigação posterior pela PVDE. A rede de espionagem britânica, nós sabemos de forma indirecta sabemos pelos relatórios pelas queixas nós temos um relatório do MIT só sobre os Açores com as queixas da espionagem alemã nos Açores, e é a partir daí que nós conseguimos identificar quem eram os espões, onde é que eles estavam. Espões com nomes temos três em Ponta Delgada, na Horta e na ilha Terceira.

Quando o artigo é publicado, eu recebo até alguns emails de familiares que não sabiam que os seus antepassados tinham tido esta ligação, o que é bastante interessante. Por exemplo, existia na Ilha Terceira uma das casas de espionagem que pertencia ao vice-cônsul dos Açores - que era espião. Inclusive, há uma ficha da PVDE que está desaparecida; ou seja, existe a ficha, mas não tem qualquer informação lá dentro.

A seguir à Segunda Guerra Mundial, muitas das fichas da PVDE desapareceram.



Marisa Filipe, historiadora e investigadora

Curiosamente, todos os nomes dos espões desapareceram. Nós só temos os nomes e as queixas dos relatórios britânicos que vêm do próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros e do próprio MIT.

Então, podemos afirmar que ainda há muito por desvendar neste tema da espionagem em território nacional e açoriano?

Eu creio que sim. Muitas delas ainda estão classificadas. Os telegramas para Armindo Monteiro ou os arquivos do MIT sobre os Açores estão abertos, porém ainda não estão disponíveis em formato digital. Não tenho a menor dúvida que ainda vamos descobrir mais queixas dos britânicos, vamos descobrir novos nomes e provavelmente ainda vamos descobrir por parte dos norte-americanos se eles não tinham, afinal, algo mais do que a Operação Alacrity - uma operação preventiva da Ocupação dos Açores -, ou se os próprios americanos não teriam eles próprios espões nos Açores.

Neste momento, o que sabemos é que a espionagem alemã estava muito enraizada, tinha muitos informadores e era muito efectiva. Os relatórios são muito bem feitos no sentido em que contam quais são as guarnições, o número de tropas, e as comunicações são enviadas muito rapidamente - no fundo, são informações muito detalhadas até sobre a geografia dos Açores. Isto leva-nos a provar que os Açores tinham uma importância estratégica muito grande e se Hitler tivesse ocupado os Açores talvez hoje estaríamos numa outra posição, quem sabe...

José Henrique Andrade

“Existe um relatório do MIT sobre as queixas de espionagem alemã nos Açores, conseguindo depois identificá-las”, afirma a investigadora e historiadora Marisa Filipe

